

Ciberativismo indígena: uma análise da página do Aty Guasu no *Facebook*¹

Everson Umada MONTEIRO²

Michele NAKAZATO³

Gerson Luiz MARTINS⁴

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Resumo

O artigo tem como objetivo apresentar o ciberativismo indígena na rede social *Facebook* por meio de uma análise de conteúdo da página do grupo Aty Guasu, a grande assembleia realizada pelos povos Guaranis e Kaiowas do Mato Grosso do Sul. As redes sociais proporcionaram maior participação nas mídias através de uma estrutura em rede. Esta forma não-linear e sem hierarquia possibilitou um ambiente propício para que grupos com objetivos comuns se organizassem em defesa de suas causas. Deste modo, o ciberativismo indígena se caracteriza pelo uso das redes sociais para defender e afirmar suas causas. Mesmo em quantidade discreta, tais atitudes contribuem para o grupo Aty Guasu expor sua realidade e, assim, atuar para a conquista de seus direitos, o que permite maior ecologia de saberes e auxilia na democracia.

Palavras-chave

ciberativismo, redes sociais, indígena, *Facebook*.

Introdução

A crescente presença da rede mundial de computadores no cotidiano das pessoas transformou as formas comunicacionais e culturais da sociedade, principalmente, pela popularização da internet na década de 90. A partir de tal fato, uma nova maneira de se comunicar surgiu, onde as práticas colaborativas possibilitaram maior horizontalidade na comunicação. Hoje, o acesso a informações pode ocorrer por meio de diversas plataformas e com abordagem sobre vários pontos de vistas. Assim, a internet trouxe ferramentas para que os mais variados grupos pudessem se manifestar e mostrar sua cultura, sua filosofia e suas opiniões.

A internet, em conjunto com os avanços tecnológicos dos computadores e dos aparelhos de telecomunicação, contribuiu para a preponderância e emergência das redes

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Curso de Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), graduado em Publicidade e Propaganda. email: eversonum@gmail.com.

³ Mestranda do Curso de Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), graduada em Relações Públicas e Jornalismo. email: michelenakazato@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor Doutor em Jornalismo pela Universidade de São Paulo. Coordenador do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), email: geron.martins@ufms.br.

sociais no espaço virtual. Segundo Recuero (2014a, p. 94) as redes sociais na internet são "trocas sociais realizadas pela interação social e pela conversação através da mediação do computador". Esse relacionamento entre as pessoas ocorre num ambiente interativo, onde predomina uma forma não linear e sem hierarquias, mas sim em rede.

A partir das facilidades apresentadas pelas redes virtuais, grupos se organizam e trocam informações e experiências, o que contribui para que pessoas com objetivos em comum se reúnam em defesa de seus direitos. Assim, os movimentos sociais das classes menos favorecidas pela sociedade encontraram nas redes sociais um lugar propício para organizar, expressar e se comunicar.

Este artigo tem como objetivo apresentar o ciberativismo indígena na rede social *Facebook* por meio da página do grupo Aty Guasu, a grande assembleia realizada pelos povos Guaranis e Kaiowas de Mato Grosso do Sul em defesa dos direitos das comunidades indígenas. A pesquisa visa analisar como os indígenas utilizam-se das redes sociais para expressar sua opinião, exigir seus direitos e compartilhar informações em prol de suas lutas. O recorte temporal está contido entre os dias 22 e 30 de junho de 2015, período em que ocorreram conflitos destas populações com fazendeiros na reocupação das terras originárias Kurusu Ambá em Coronel Sapucaia no estado de Mato Grosso do Sul. Como aporte teórico, foi realizado uma revisão bibliográfica sobre redes sociais e ciberativismo.

Para a pesquisa, será realizada uma análise de conteúdo com intuito de evidenciar os conteúdos abordados pela página, além de verificar quais plataformas midiáticas são utilizadas na construção destas narrativas. A análise de conteúdo, segundo Bardin é

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2012, p. 42).

Desta maneira, o método permite delimitar e discutir os conteúdos frente às suas significações na produção de sentido.

As redes sociais e o *Facebook*

Os avanços da tecnologia, tanto no campo da informática quanto da telecomunicação, transformaram a vida das pessoas que descobriram o poder e a importância da comunicação. A tecnologia proporcionou a essas pessoas o passaporte para o mundo virtual das redes sociais - lugar de todas as tribos, de todas as vozes, de todas as

raças -; é um espaço cognitivo onde os atores sociais podem compartilhar histórias, opiniões e vivências intermediados por computadores.

Esse mundo também conhecido por ciberespaço é caracterizado por Santaella (2007) como:

espaço que se abre quando o usuário conecta-se com a rede. Por isso mesmo, também inclui os usuários dos aparelhos sem fio, na medida em que esses aparelhos permitem a conexão e troca de informações. Conclusão, ciberespaço é um espaço feito de circuitos informacionais navegáveis (SANTAELLA, 2007, p.45).

A evolução dos aparelhos celulares com a conexão da internet sem fio colaborou com o fenômeno das redes sociais no ciberespaço. Ferreira (2014) observa que "quanto mais os dispositivos móveis nos conectam, mais desejamos consumir e pertencer a um espaço virtual, os atuais simulacros das praças de encontro, como as redes sociais".

Esse fenômeno é confirmado por pesquisas realizadas no Brasil que constaram que quase metade dos brasileiros acessam a internet, 48%; e destes, 66% o fazem pelo uso de aparelhos celulares, porcentagem próxima dos 71% que usam computadores ou notebooks (BRASIL, 2014, p. 7).

O impacto da chegada da web - e suas inúmeras possibilidades de interação - transformou o público consumidor em agente e hoje a "aldeia global", vislumbrada por Marshall McLuhan, tornou-se realidade nas redes sociais. (FERREIRA, 2014)

Recuero (2014a, p. 24) aponta que a internet possibilitou a "expressão e sociabilização através das ferramentas de comunicação mediadas pelo computador (CMC)". A pesquisadora destaca que essas ferramentas proporcionam aos atores construir, interagir e comunicar com outros atores e deixar marcas que permitem o reconhecimento de suas conexões e visualização de suas redes sociais (RECUERO, 2014a, p. 24).

As redes são os caminhos dos fluxos de comunicação interligados por nós, ou seja, conexões que ligam os atores sociais e valoriza as relações em detrimento de estruturas hierárquicas.

As redes são iniciadas a partir da tomada de consciência de uma comunidade de interesses e/ou de valores entre seus participantes. Entre as motivações mais significativas para o desenvolvimento das redes estão os assuntos que relacionam os níveis de organização social-global, nacional, regional, estadual, local, comunitários. Independentemente das questões que se busca resolver, muitas vezes a participação em redes sociais envolve direitos, responsabilidades e vários níveis de tomada de decisões (MARTELETO, 2001, p. 73).

Um dos aspectos importantes sobre o estudo das redes sociais são os valores construídos no ciberespaço. Recuero (2014a) aponta que esses valores podem influenciar os

atores sociais, pois aumentam as conexões sociais, que não são iguais às conexões fora do mundo virtual. A autora apresenta quatro valores: visibilidade (a conexão possibilita que os nós comunicacionais sejam mais visíveis na rede); reputação (impressões sobre os atores da rede); popularidade (é a audiência, o número de visitas, de comentários, quantidade de conexões); e autoridade (poder de influência na rede). (RECUERO, 2014a, p. 108-113).

Esses valores são construídos pelos grupos ao qual pertence o ator social. No caso da rede social *Facebook*, tem-se ferramentas específicas para a interação entre os atores como os botões "curtir", "compartilhar" e "comentar".

A ferramenta para comentários, conforme Recuero (2014b, p. 121), envolve maior engajamento dos atores sociais e ao mesmo tempo maior risco, pois é uma participação mais visível.

Isso porque aquilo que é dito pode ser facilmente descontextualizado quando migrar para outras redes através das ferramentas de compartilhamento, de curtida e mesmo de comentário. Essa compreensão do comentário como um risco para a face também leva muitos usuários a desistir de comentar e optar por apenas "curtir" a postagem, uma vez que o risco para a face é menor (RECUERO, 2014b, p. 121).

As redes sociais são os meios mais acessados na internet pelos brasileiros conectados, 92% acessam alguma rede. O Facebook é o primeiro da lista com 83% da preferência dos pesquisados, seguido pelo Whatsapp (58%), e Youtube (17%). (BRASIL, 2014, p. 7)

O *Facebook* funciona por meio de perfis e comunidades onde os usuários compartilham notícias, fotos, vídeos, links e diversos tipos de conteúdo; é um sistema criado pelo americano Mark Zuckerberg enquanto era estudante de *Harvard*. A ideia era focar em alunos que saíam do secundário (*High School*, nos Estados Unidos) e entravam nas universidades. Lançado como *The facebook* em 2004, o sítio de rede social passou a ser *Facebook* em 2005 e foi expandido para alunos do ensino médio e outros países. Com o tempo, ampliou suas ferramentas para atrair mais usuários: criou-se o *Facebook Mobile* em 2006; o *Facebook Ads* - ferramenta para publicidade em 2007; e em 2008, a rede foi traduzida para mais de 20 idiomas. O símbolo marcante do sistema, o botão *like* (curtir) surgiu em 2009 e foi nesse ano que o sítio ultrapassou em número de usuários o líder das redes sociais, o *MySpace*.

Ciberativismo indígena

Os movimentos indígenas, iniciados na década 70 com intuito de reaverem os direitos às terras originárias tomadas pelos não-índios, tem se apropriado das ferramentas das novas mídias para fortalecerem e difundirem suas lutas e cultura. Devido ao fato de seus membros só se tornarem pautas de notícias quando algum fator negativo ocorre ou quando suas reivindicações entram em conflito com os interesses da cultura hegemônica dominante, as comunidades indígenas encontraram na internet uma maneira de expor seus posicionamentos, seja por meio de escritores indígenas, internautas ou organizações e entidades indigenistas ou indígenas. Por isso, a criação de páginas em redes sociais e blogs, mesmo em quantidades ainda tímidas, tornaram-se uma ferramenta importante para contrapor e desconstruir as informações tendenciosas realizadas pelas mídias dominantes, ou seja, demonstrar a visão do outro lado envolvido.

A realidade indígena se contextualiza no conceito de tolerância opressiva, termo utilizado por Darcy Ribeiro e utilizado por Dennis de Oliveira, que define como a “prática de tolerar o outro com o objetivo de reinar sobre os seus corpos e mentes” (OLIVEIRA, 2008, p. 24). Assim, o convívio com o diferente é mantido de maneira falsamente harmoniosa, que legitima um padrão de superioridade humana e deixa os demais excluídos. Devido a tal, a perspectiva capitalista, embasada no acúmulo de bens, sobrepõe-se aos direitos indígenas de suas terras originárias, o que permite caracterizar estes indivíduos como “aculturais” e tornar sua luta invisível.

Os indígenas Presente na internet, colaboram para o desenvolvimento de práticas cidadãs que auxiliam em sua representação no contexto social. Este posicionamento faz com que os mesmos passem da posição de objeto de autores para produtores de suas próprias narrativas. A abertura de um espaço para que o índio possa expor sua cultura permite realizar aquilo que Santos & Meneses (2010) define como epistemologias do Sul:

Trata-se do conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão dos saberes levada a cabo, ao longo dos últimos séculos, pela norma epistemológica dominante, valorizam os saberes que resistiram com êxito e as reflexões que estes têm produzido e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos. A esse diálogo entre saberes chamamos ecologias de saberes (SANTOS; MENESES, 2010, p. 7).

Tal proposta almeja a superação do modelo de pensamento abissal, ou seja, da forma existente de dividir o mundo em uma linha imaginária que o separa em dois lados, o “do lado de cá da linha” e o “lado de lá da linha”. Esta visão, segundo Santos, faz com que o “lado de lá da linha” desapareça enquanto realidade, torna-se e é produzido como inexistente (SANTOS, 2010, p. 32). Desta maneira, a participação indígena no ciberespaço

leva ao enfrentamento das representações sociais predominantes que revaloriza identidades e culturas ignoradas desde o período colonial.

Nesta perspectiva, surgem as manifestações sociais de classes oprimidas conhecidas como ativismo. Para Fonseca (2014, p. 61), o ativismo social/digital resulta “de uma insatisfação ou necessidade de expressão individual ou coletiva, com o intuito de dar visibilidade a uma ‘causa’, que pode ser desde uma crítica relacionada a um caso de corrupção, denúncia ambiental, expressão étnica ou sociocultural.”

Deste modo, as diversas interfaces da mídia contemporânea, que englobam *chats*, redes sociais, compartilhamento de vídeos, e-mails, *blogs*, dentre outros, tornaram-se ambientes favoráveis para estes grupos exporem suas reivindicações devido sua facilidade de manuseio e, também, à sua gratuidade.

Por possibilitar uma interação mais horizontal, as redes sociais formam um ambiente propício para exercer o ciberativismo, onde a atuação de grupos utiliza as redes sociais como canais de comunicação para divulgação de suas culturas e até coordenação de ações e protestos no mundo físico. De acordo com Moraes (2004, p.34), “as frentes de ação compartilhada promovem o diálogo, a cooperação descentralizada e uma sociabilidade política baseada em aspirações convergentes”. Assim, a comunicação em rede elimina barreiras entre os participantes, o que contribui para a defesa e afirmação das identidades culturais.

As mídias contemporâneas permitem maior interlocução entre os receptores e os locutores da informação. Castell (2005, p. 23) define a comunicação da sociedade em rede como um espaço público, onde as pessoas recebem informações coletivamente e formam, cada qual, seu ponto de vista. De tal maneira,

enquanto a comunicação interpessoal é uma relação privada, formada pelos actores da interacção, os sistemas de comunicação mediáticos criam os relacionamentos entre instituições e organizações da sociedade e as pessoas no seu conjunto, não enquanto indivíduos, mas como receptores colectivos de informação, mesmo quando a informação final é processada por cada indivíduo de acordo com as suas próprias características pessoais (CASTELLS, 2005, p. 23).

As redes sociais ganham importância na construção da opinião pública e, conseqüentemente, influenciam no particular de cada um, o que interfere nas percepções de julgamentos do indivíduo sobre assuntos cotidianos.

Neste contexto, o *Facebook* tornou-se um meio para que os indígenas reforçassem sua identidade. Ao produzir conteúdo na rede social, o ciberativismo indígena apresenta aspectos destas culturas e, também, suas tradições, o que contribui para a superação do

estereótipo de “civilização atrasada” e que vive em isolamento, pois como afirma Martín-Barbero (2014, p. 24): “[...] a identidade é hoje a força mais capaz de introduzir contradições na hegemonia da razão instrumental”. O autor continua ao afirmar que as novas tecnologias permitem uma revanche sociocultural dos grupos de setores subalternos, ou seja, constroem uma contra hegemonia pelo mundo. Assim, as revoluções tecnológicas, mesmo que proporcione o aumento da desigualdade entre setores sociais, culturas e países, proporciona e mobiliza a imaginação social da coletividade, “[...] potencializando suas capacidades de sobrevivência e de associação, de protesto e de participação democrática, de defesa de seus direitos sociopolíticos e culturais e de ativação de sua criatividade expressiva”. (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 19)

As redes sociais também funcionam como uma estratégia para ampliar a socialização entre os indígenas da mesma e de outras comunidades. É por meio desta ferramenta que as comunidades se organizam em prol de movimentos e protestos de participação cívica que tem por objetivo benefícios comuns entre os grupos. Exemplos destes podem ser encontrados no movimento de articulação para repudiar a PEC 215⁵, que foi amplamente divulgado em diversas páginas de grupos indígenas no *Facebook*; e na criação de portais colaborativos entre diversas comunidades, como o caso do cibermeio Índios Online⁶.

Página Aty Guasu

O presente estudo analisa a página do Aty Guasu encontrada na rede social Facebook. A escolha desta se deve à sua relevância para o entendimento da sociedade não-indígena e de outras comunidades nas lutas pela reocupação dos territórios dos povos Guarani e Kaiowa em Mato Grosso do Sul. Será realizado uma análise do conteúdo publicado com base nas seguintes categorizações: quantidade de postagens, utilização de recursos multimídia (fotos, vídeos, hipertextos) nas postagens e tipos de conteúdo abordado.

⁵ A proposta de emenda constitucional 215 tem por objetivo transferir a competência da União nas demarcações de terras indígenas para o Congresso Nacional. A proposta também possibilita a revisão de terras já demarcadas e muda os critérios e procedimentos para a demarcação destas áreas, que seriam regulamentadas por leis e não mais por decreto.

⁶ O cibermeio é um projeto composto por indígenas de diversas comunidades no Brasil com o objetivo de facilitar o acesso à informação nas comunidades e promover a troca cultural. Disponível em <<http://www.indiosonline.net>>. Acesso em 25 de junho de 2015.

O recorte temporal encontra-se entre os dias 22 e 30 de junho de 2015, período no qual ocorreu a reocupação do território indígena Kurusu Ambá na cidade de Coronel Sapucaia em Mato Grosso do Sul. De acordo com o Conselho Indigenista Missionário (2015) índios da etnia Guarani e Kaiowá iniciaram a ocupação das terras no dia 22 de junho e, como consequência, entraram em conflitos com fazendeiros da região. Esta análise não tem como objetivo verificar a veracidade dos fatos narrados pelos indígenas, mas sim tentar entender como os povos Guarani e Kaiowa apresentam suas narrativas frente ao ocorrido.

Para melhor entender o conteúdo produzido pela página, torna-se necessário discorrer sobre o grupo que o administra. Os relatos a seguir foram extraídos dos estudos de Tônico Benites (2014), professor doutor e membro do grupo. O Aty Guasu é uma grande assembleia intercomunitária realizada pelos Guaranis e Kaiowas há mais de 3 décadas. Ela é composta pelos líderes políticos, os líderes espirituais e seus aprendizes, além das crianças, mulheres e homens pertencentes às várias famílias indígenas. Nestas, são realizados rituais e, também, são debatidas e tomadas decisões importantes para as comunidades, como, por exemplo, ações sobre a luta pela retomada de posse terras originárias. Assim, o Aty Guasu tornou-se um foro legítimo de discussão e decisão sobre as políticas públicas que pretendem atender as necessidades e direitos destes povos.

Em dezembro de 2011, um grupo de lideranças Guarani e Kaiowa participantes do Aty Guasu criaram a página no *Facebook* com o intuito de tornar-se um boletim informativo sobre o que acontece nos territórios em conflito de Mato Grosso do Sul. A página também disponibiliza as notas públicas da comissão Aty Guasu, fotos, vídeos e documentos, todos de autoria das lideranças indígenas. O grupo também possui um blog⁷, que encontra-se desatualizado⁸.

Sobre a análise, inicialmente foi verificada a quantidade de publicações realizadas pela página. Durante o período, foram feitas vinte e quatro postagens, apresentadas na tabela a seguir:

Tabela 1 – Publicações na página Aty Guasu no *Facebook* no período entre 22 e 30 de junho de 2015.

Data	Quantidade de publicações	%
22/06/2015	6	25
23/06/2015	0	0

⁷ Disponível em <atyguasublogspot.com.br> Acesso em 28 de junho de 2015.

⁸ A última postagem foi realizada em 30 de junho de 2013.

24/06/2015	3	12,5
25/06/2015	4	16,7
26/06/2015	3	12,5
27/06/2015	0	0
28/06/2015	2	8,3
29/06/2015	2	8,3
30/06/2015	4	16,7

Os maiores números de publicações ocorreram nos dias 22 (25%) e 25 (16,7%), o que pode ser explicado por serem períodos no qual ocorreram, respectivamente, a reocupação do território Kurusu Ambá pelos indígenas e os ataques dos fazendeiros contra o ato. No dia 30 (16,7%), ocorreram quatro postagens onde apresentavam relatos em texto e vídeo sobre a resistência das comunidades. Não houveram publicações nos dias 23 e 27.

A pesquisa avaliou a utilização de diferentes plataformas multimídias na construção do conteúdo.

Tabela 2 – Recursos utilizados para a construção das narrativas.

Tipos de conteúdo	Quantidade de publicações	%
Hipertextos (compartilhamento de <i>hiperlinks</i>)	7	29,2
Texto e hipertexto	7	29,2
Texto e foto	5	20,8
Texto e vídeo	3	12,5
Texto	2	8,3

De acordo com a tabela 2, a maioria do conteúdo postado foi de compartilhamento de informações de outras páginas na internet ou usuários por meio de *hiperlinks*. Os compartilhamentos de materiais com e sem comentários da página representam, cada, 29,2% das publicações. Esta interação com o conteúdo é uma característica da web 2.0, a segunda geração dos conteúdos online que é caracterizada pela contribuição dos usuários por meio de compartilhamento e interatividade na construção do conteúdo. De acordo com O'Reilly (2005, p. 1), a web 2.0 modifica a ênfase da publicação para a participação, ou seja, a participação dos usuários tornou-se o objeto principal da web, o que permite um papel mais ativo do usuário. As postagens de hipertextos com comentários do Aty Guasu

demonstram o processo colaborativo das redes sociais, onde a interação e a troca de informação resultam em uma nova forma de expor e organizar o conteúdo.

A utilização de “texto e foto” e “texto e vídeo” representam, respectivamente, 20,8% e 12,5% do conteúdo. Este fluxo por meio de diversas plataformas é uma característica das mídias digitais, onde a convergência midiática permite a cooperação entre diversos meios. De acordo com Jenkins (2009, p. 36), as “novas tecnologias midiáticas permitiram que o mesmo conteúdo fluísse por vários canais diferentes e assumisse formas distintas no ponto de recepção.” Deste modo, cada meio possui recursos e características que permitem ao leitor uma maior interação com o conteúdo exposto.

Com relação ao conteúdo, as publicações foram classificadas e divididas conforme a tabela 3.

Tabela 3 – Tipos de conteúdo publicado.

Conteúdos publicados	Quantidade de publicações	%
Compartilhamento de conteúdo de usuários ou páginas do <i>Facebook</i>	7	29,2
Compartilhamento de conteúdo de outros cibermeios	6	25
Críticas	5	20,8
Relatos de fatos	3	12,5
Notas públicas	2	8,3
Compartilhamento de conteúdo próprio	1	4,2

Nesta análise, chama-se a atenção na utilização da ferramenta de compartilhamento como principal fonte de publicação. Por ser uma rede social, o *Facebook* permite que haja a interação entre seus usuários. Desta maneira, o cibermeio colabora para a criação de uma inteligência coletiva, onde o trabalho em grupo desenvolve conteúdos de maneira colaborativa, que possibilita o poder de comunicação das mãos de um e abre oportunidade para todos. Levy (1998, p. 28) afirma que a inteligência coletiva “é uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências”. Assim, os indígenas utilizam-se da comunicação em rede para criar um espaço onde todos auxiliam na construção das narrativas da página.

As publicações de teor crítico demonstram a importância das páginas para o ciberativismo indígenas. As publicações demonstram a insatisfação dos povos indígenas frente à cobertura da mídia, além de criticar as autoridades pela ausência de atitude em relação aos ataques dos fazendeiros. Tal atitude demonstra a contraposição à tolerância opressiva e cria-se parâmetros para a construção de novas epistemologias, como defende Boaventura (2010).

A página também apresenta notas públicas onde o grupo expõe sua indignação e suas defesas sobre as ocupações. Nelas estão contidas as reivindicações dos seus direitos para que as autoridades resolvam o problema das demarcações. As notas são expostas como um documento, onde aquilo que está escrito representa o posicionamento oficial dos membros do Aty Guasu.

Considerações finais

Com esta nova configuração de comunicação web 2.0 onde todos têm a possibilidade de contribuir para a construção do saber, observa-se a importância das redes sociais para as comunidades indígenas. Mesmo em quantidade discreta, o ciberativismo indígena contribui para a exposição da realidade destes povos e, assim, permite uma luta mais efetiva na conquista de seus direitos.

A resistência dos indígenas em defesa de seus direitos sobre as terras originárias demonstra um manifesto pela dignidade de seus povos. Por meio da exposição de suas reivindicações, ocorre uma abertura para o diálogo entre a sociedade, os indígenas e os fazendeiros, o que demonstra maior representatividade de posicionamentos e permite melhores soluções para o problema. Desta maneira, as redes sociais tornam-se um ambiente propício para a criação de diálogos, já que permite uma comunicação mais horizontal e sem barreiras hierárquicas.

Aquilo que é dito pelos meios de comunicação moldam a cultura, pois apresentam a realidade em forma de linguagens. De acordo com Castells (2005, p. 414), as nossas linguagens “são nossos meios de comunicação. Nossos meios de comunicação são nossas metáforas. Nossas metáforas criam o conteúdo de nossa cultura”. Deste modo, as práticas ativistas nas redes sociais permitem maior representação das diferentes culturas existentes.

Diante desta perspectiva, as práticas do ciberativismo nas redes sociais demonstram um papel de intermediário entre o que é apresentado pela mídia dominante e a realidade

destes povos. Ao contrapor aquilo que é exposto, cria-se um recorte no discurso hegemônico perpetuado pelos grandes canais de comunicação, ou seja, torna explícito que a realidade exposta pelas grandes mídias é apenas uma das possibilidades do fato, que existem outros lados que interpretam o mesmo fato de outra perspectiva, o que contribui para reduzir a desigualdade social entre os povos.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2012.

BENITES, Tônico. **Rojeroky hina ha roike jevy tekohape (Rezando e lutando): o movimento histórico dos Aty Guasu dos Ava Kaiowa e dos Ava Guarani pela recuperação de seus tekoha**. 2014. 270 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2014.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2014.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política**. In: CASTEL, M.; CARDOSO, G. (Org.). *A Sociedade em Rede: Do conhecimento à Acção Política*. Lisboa: Centro Cultural de Belém, 2005.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. **URGENTE! Fazendeiros atacam a tiros acampamento Guarani e Kaiowá de Kurusu Ambá**. 2015. Disponível em <<http://www.cimi.org.br/site/pt-br/?system=news&action=read&id=8182>> Acesso em 20 de junho de 2015.

FERRARI, Pollyana. **A força da mídia social: interface e linguagem jornalística no ambiente digital**. 2ª ed. E-book. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009

FONSECA, Lucas Milhomens. **Ciberativismo na Amazônia: os desafios da militância digital na floresta (2012)**. In SILVEIRA, S. A.; BRAGA, S.; PENTEADO, C. (Org.). *Cultura, Política e Ativismo nas redes digitais*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014.

LEVY, Piérre. **A inteligência coletiva**. São Paulo: Edições Loyola, 1998;

MARTELETO, Regina Maria. **Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação**. Revista Ciência da Informação. Brasília, v.30, n.1, p. 71-81, janeiro-abril 2001.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Diversidade em convergência**. São Paulo: Matrizes. V. 8 - Nº 2 jul./dez. 2014. p. 15-33.

MORAES, Dênis de. **A lógica da mídia no sistema de poder mundial**. Eptic, Vol. 6, nº 2, pp. 16-36, 2004.

OLIVEIRA, Dennis. **Mídia, cultura e mecanismos de opressão étnica e tolerância opressiva**. In: PRUDENTE, Celso Luiz (org.). *Cinema Negro – Algumas contribuições reflexivas para a*

compreensão da questão do afro-descendente na dinâmica sócio-cultural da imagem. Editora Fiúza. São Paulo: 2009

O'REILLY, Tim. **What Is Web 2.0 - Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software**. O'Reilly Publishing, 2005.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet. 2ª ed.** Coleção Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2014a.

_____. Curtir, **compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais do Facebook**. Revista Verso e Reverso, vol. XXVIII, n. 68, São Leopoldo: Unisinos, maio-agosto 2014b.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo. 2ª ed.** São Paulo: Paulus, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes**. In SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.